

RELAÇÕES CAMPO-CIDADE: ESTUDO DA DINÂMICA SÓCIO-ESPACIAL DO DISTRITO CRUZEIRO DOS PEIXOTOS EM UBERLÂNDIA (MG)

Flávia Aparecida Vieira de Araújo¹ - Universidade Federal de Uberlândia
flaviaraujogeo@yahoo.com.br

Hélio Carlos Miranda de Oliveira² - Universidade Federal de Uberlândia
heliocarlosudi@yahoo.com.br

Marcus Vinícius Mariano de Souza³ - Universidade Federal de Uberlândia
marcusjaba@yahoo.com.br

Beatriz Ribeiro Soares⁴ - Universidade Federal de Uberlândia
brsoares@ufu.br

O estudo da relação campo-cidade ganhou uma nova complexidade com a revolução científico-tecnológica, iniciada a partir da segunda metade do século XX, uma vez que essa ao intensificar os processos de urbanização e industrialização, promoveu o desenvolvimento do capitalismo no campo e a conseqüente, modernização da agricultura. Essa modernização, mesmo não tendo ocorrido de forma homogênea; redefiniu os espaços rurais, imprimindo-lhes uma nova dinâmica; diversificou os serviços urbanos; intensificou os fluxos de transportes e comunicações e reestruturou a interação das áreas rurais com os espaços urbanos. A nova dimensão assumida pelas relações sociais, econômicas e culturais estabelecidas entre o campo e a cidade, advinda principalmente do relativo fim da auto-suficiência das localidades rurais e da dependência dessas localidades aos equipamentos e serviços implantados na cidade, passou a exigir a compreensão de que o rural e o urbano não devem ser mais pensados como recortes territoriais isolados, como tradicionalmente o fora, mas como espaços interdependentes e complementares.

Desta forma, os estudos da relação campo-cidade passam a ser essencial para o entendimento da organização de determinado espaço, pois tanto o rural quanto o urbano não podem ser entendidos separadamente, pautados na velha dicotomia que o urbano é significado de moderno e o rural significado de arcaico.

A necessidade do entendimento entre o rural e o urbano constitui o centro desta pesquisa, uma vez que nos propomos a estudar a relação que os moradores da área rural do Distrito de Cruzeiros dos Peixotos possuem com a cidade de Uberlândia, a partir das dimensões sociais, econômicas e culturais. É necessário deixar claro aqui que não aceitamos a idéia de que o rural é um *continuum* do urbano, mas sim um espaço que influencia e é influenciado pelo urbano, que incorpora hábitos urbanos, mas também mantém hábitos rurais. Portanto, a relação campo-cidade será analisada neste artigo a partir dos moradores da área rural do distrito.

¹ Graduanda e bolsista PET do curso de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia.

² Licenciado em Geografia pela da Universidade Federal de Uberlândia. Bacharelado e bolsista PET do curso de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia.

³ Graduando e bolsista PET do curso de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia.

⁴ Professora doutora do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia. Tutora do PET Geografia da Universidade Federal de Uberlândia.

Assim, para o entendimento da relação campo-cidade utilizamos entrevistas com os moradores, pelas quais pudemos começar compreender como é dada tal relação. Foram realizadas sete entrevistas com pessoas de diferentes idades e propriedades rurais diversas, buscando um maior universo de informações. Além disso, também foram utilizados os trabalhos produzidos nos Institutos de Geografia e História da Universidade Federal de Uberlândia que pesquisam os distritos do município de Uberlândia. Assim, este estudo tenta contribuir para tal discussão no âmbito da Geografia, uma vez que os trabalhos produzidos sobre distritos são bastante incipientes.

O município de Uberlândia localiza-se na mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba no estado de Minas Gerais. O município possui uma área total de 4115,09 Km², sendo 3896 km² de área rural e 219,09 Km² de área urbana. Segundo o Censo demográfico de 2000, possuía 501.214⁵ habitantes, com 488.982 habitantes na área urbana e 12.232 na área rural do município. O município está dividido em cinco distritos, sendo eles: Uberlândia (distrito-sede), Cruzeiro dos Peixotos, Martinésia, Miraporanga e Tapuirama, conforme podemos observar na Figura 1.

Figura 1 - Município de Uberlândia: divisão dos distritos (2005)



Fonte: Oliveira, Silva e Paula (2005).

O estudo da área rural do município de Uberlândia é importante para o entendimento da cidade, pois o processo de urbanização deste município intensifica-se principalmente, a partir de meados dos anos de 1970, com o início da modernização do campo e com as mudanças nas relações de trabalho, a população passa a residir, principalmente, na cidade (ver Tabela 1), levando, conseqüentemente, a uma refuncionalização da rede urbana no Triângulo Mineiro, conforme afirma Soares (1997):

A refuncionalização da rede urbana do Triângulo Mineiro orientou-se principalmente pela modernização do campo, que expulsou uma parcela significativa da população rural; pelo dinamismo de algumas aglomerações; pela intensificação dos fluxos de transportes e comunicações, bem como, pela diversificação dos serviços, que possibilitaram uma maior diferenciação entre as cidades (SOARES, 1997, p. 118).

⁵ A estimativa populacional total do município feita pelo IBGE para o ano de 2004 é de 570.042 habitantes.

Tabela 1 - Uberlândia: evolução da população total, urbana e rural (1970-2000)

Situação	Habitantes				Porcentagem (%)		
	1970	1980	1991	2000	Evolução 1970-1980	Evolução 1980-1991	Evolução 1991-2000
Total	124.706	240.961	366.729	501.214	93,2	52,2	36,5
Urbana	111.466	231.598	357.848	488.992	107,8	35,3%	36,4
Rural	13.240	9.363	8.881	12.232	-29,3	-5,1	37,6

Fonte: Soares et al. (2004, p. 129).

Adaptado por: Hélio Carlos Miranda de Oliveira (2005).

A migração campo-cidade no município de Uberlândia levou a um decréscimo de 29,3% da população rural no período de 1970 a 1980. No período de 1980 a 1990 o decréscimo foi menor, 5,1%. Essa baixa taxa neste período foi reflexo da migração campo-cidade em anos anteriores, principalmente devido às mudanças nas relações de trabalho, a mecanização do campo e o poder de atração da cidade de Uberlândia, com o discurso da elite local de que Uberlândia era uma cidade ordeira, moderna e progressista.

No período de 1991 a 2000 o quadro foi oposto, pois a população rural cresce absolutamente 37,6%, que é uma taxa significativa, mas que se for analisada relativamente, esse crescimento é pouco significativo, pois a população urbana também cresce 36,4%.

A mecanização do campo aliada ao poder de atração da cidade fez com que a área rural do município criasse relações diretas com a cidade, levando a população residente no campo a se deslocar para a cidade, consumindo-a, estabelecendo, assim, a nova relação campo-cidade.

Assim, para atingir o objetivo proposto, organizamos nosso texto em duas partes. A primeira trata da modernização do campo e seus reflexos na relação campo-cidade, enquanto a segunda trata especificamente da relação da população da área rural do distrito de Cruzeiro dos Peixotos com a cidade de Uberlândia.

1. A modernização do campo brasileiro: o caso do Cerrado

O processo de modernização da agricultura tem início com a chamada Revolução Verde, que objetivava aumentar a produção e a produtividade agrícola mundial, através do desenvolvimento tecnológico, voltado para o melhoramento genético animal e vegetal, a aplicação de técnicas e equipamentos mais eficientes. Este programa começou a ser desenvolvido logo após o final da Segunda Guerra Mundial, sob a tutela do grupo econômico estadunidense Rockefeller, mas seus efeitos passaram a ser sentidos no Brasil principalmente após a década de 1960, fruto da idéia de modernização e desenvolvimento do país, iniciada no governo de Juscelino Kubitschek.

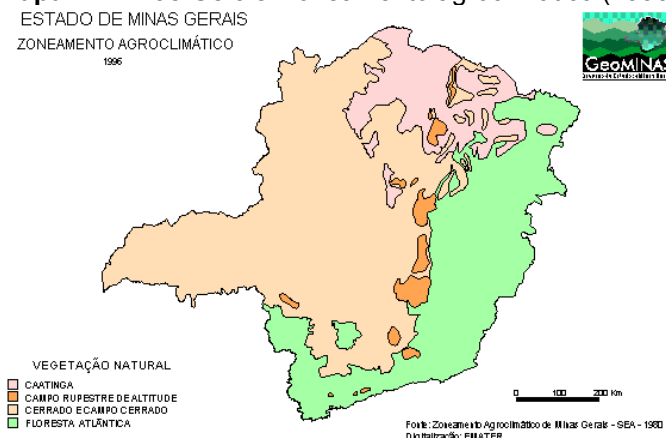
As terras disponíveis para a agropecuária haviam esgotado no Sul e Sudeste, o que levou à formação de uma fronteira agrícola em direção ao Centro-Oeste e Norte do Brasil (GOBBI, 2004). O cerrado tornou-se interessante para a expansão da agropecuária devido a sua localização e também pelas suas características físicas, ou seja, a presença de extensas áreas de chapada, que favoreciam a mecanização e a conseqüente introdução do pacote tecnológico da Revolução Verde. Mesmo

fazendo parte do Sudeste, Minas Gerais tinha uma grande área de cerrados, ainda pouco ocupada pela agricultura (ver Mapa 1).

O Estado teve fundamental importância neste processo de modernização da agricultura brasileira, sobretudo nas áreas do cerrado. Isto ocorreu através de vários programas governamentais para o desenvolvimento do cerrado, como o PCI (Programa de Crédito Integrado e Incorporação dos Cerrados); PADAP (Programa de Assentamento Dirigido do Alto Paranaíba); POLOCENTRO (Programa de Desenvolvimento dos Cerrados) e o PRODECER (Programa de Cooperação Nipo-Brasileira de Desenvolvimento dos Cerrados). Graças a estes programas

[...] foi possível promover a capitalização da agricultura nos cerrados, o que contribuiu tanto para o incremento da produção quanto para um aumento da produtividade e, conseqüentemente, da competitividade da sua agricultura com relação ao restante do país (GOBBI, 2004, p. 133).

Mapa 1 - Minas Gerais: zoneamento agroclimático (1996)



Fonte: www.geominas.mg.gov.br

Porém, estes programas atenderam principalmente as grandes e médias propriedades, contribuindo para aumentar a desigualdade da distribuição de renda no setor agrícola (SILVA, 1982), o que influenciou a saída de população do campo. Segundo Monteiro (2004, p. 10) [...] “no Brasil, nas áreas ‘favorecidas’ de concentração de recursos, a agricultura de exportação e a agroindústria viabilizaram o surgimento das grandes empresas agrícolas, com conseqüente concentração da posse da terra”. O estabelecimento da agricultura voltada para o mercado externo intensificou a utilização de capital, que refletiu, por exemplo, na utilização de mão-de-obra (MONTEIRO, 2004). Este processo exigiu a qualificação de mão-de-obra, o que gerou também um aumento da sazonalidade no emprego de trabalhadores rurais. Como a população do campo não tinha qualificação para atender esta demanda e nem conseguia competir com a agricultura de exportação, viu-se obrigada a migrar para as cidades. De acordo com Monteiro (2004, p. 11) [...] “o auge da migração rural-urbana aconteceu no período 1970/1980. Mais de 100.000 pessoas a cada mês, durante dez anos, saíram do campo em direção às cidades”. Na Tabela 2 podemos verificar a redução da população rural de acordo com os censos do IBGE entre os anos de 1940 e 2000.

Tabela 2 - Brasil: população total (rural e urbana) residente (1940-2000)

Censos	População Urbana	População Rural		População Total
		Nº	%	
1940	12.880.182	28.356.133	68,8	41.236.315
1950	18.782.891	33.161.506	63,8	51.944.397
1960	32.004.817	38.987.526	54,9	70.992.343
1970	52.904.744	41.603.839	44,0	94.508.583
1980	82.013.375	39.137.198	32,3	121.150.573
1991	110.875.826	36.041.633	24,5	146.917.459
1996	123.082.167	33.997.406	21,6	157.079.573
2000	137.755.550	31.835.145	18,8	169.590.693

Fonte: Monteiro, 2004, p.11.

Esta expulsão da população do campo para a cidade, ocasionada principalmente pela modernização agrícola, fez com que a cidade passasse a ter uma nova dinâmica na rede urbana. Não diferente disso, Uberlândia também é afetada por este processo. Por exemplo, na década de 1980, segundo Juliano e Leme (2002), a taxa de crescimento da população urbana de Uberlândia foi de 7,47%, enquanto a da população rural foi de -3,54%. Graças a estes e outros fatores Uberlândia passa a apresentar um intenso movimento agro-exportador, consolidando sua posição de centralidade na rede urbana.

Assim, o papel de Uberlândia se consolida com a modernização da agricultura e a agroindustrialização do seu entorno, que reforçou sua posição na intermediação inter-regional, não apenas no plano logístico do comércio atacadista e nas atividades de transporte, mas também na esfera financeira, com a proliferação de estabelecimentos bancários e a multiplicação das atividades dessa área (JULIANO e LEME, 2002, p.3).

Apesar do crescimento negativo da população rural, não é correto pensarmos que esta população ficou “atrasada”, econômica e culturalmente, em relação à população urbana. Podemos observar no cotidiano dos moradores dos distritos de Uberlândia que esta assertiva é verdadeira, pois os moradores freqüentam a cidade, consomem seus bens e serviços e ao mesmo tempo mantêm no distrito as relações sócio-espaciais, herdadas do mundo rural.

2. Relações campo-cidade: entre Cruzeiro dos Peixotos e Uberlândia

Apesar da dependência do campo em relação à cidade, nos estudos desses espaços, não podemos restringir nossas análises à dicotomização existente, que associa o rural com o atrasado e a cidade com o moderno. Segundo Alentejano (2003),

[...] a primeira tarefa no sentido de utilizar o par rural-urbano como elemento de interpretação da realidade é a de desmistificar as associações tradicionalmente feitas entre rural e agrícola, natural e atrasado e urbano como sinônimo de moderno, industrial e artificial. (ALENTEJANO, 2003, p.31).

É inegável que os processos de urbanização e modernização agrícola, intensificados a partir da década de 1970, contribuíram, sobremaneira, para a relativa perda da visão idílica do rural, uma vez que o mesmo acabou recebendo influência das cidades e o modo de vida urbano estendeu-se às localidades rurais, mesmo àquelas mais longínquas. Apesar da não-homogeneidade desse fenômeno, a própria organização sócio-espacial do campo passou a ser determinada pela dinâmica

da cidade e pela rede urbana estabelecida entre essa e os demais centros urbanos. Conforme afirmou Endlich (s.n.t.):

[...] no atual período técnico, a compreensão do rural e do urbano não se restringe mais a uma cidade e seu campo imediato. As relações possuem uma amplitude maior e devem ser pensadas no conjunto da rede urbana. Assim, o modo de vida urbano estende-se até os limites geográficos alcançados pelos interesses, ações e conteúdos presentes nas cidades. (ENDLICH, p. 7).

Diante dessa afirmação, percebemos a necessidade de levar em consideração os processos de urbanização e modernização do campo em Uberlândia, pois os mesmos tornaram-se fatores determinantes à nova dinâmica sócio-espacial da zona rural e urbana do distrito de Cruzeiro dos Peixotos. Segundo Montes, Oliveira e Silva (2005, p. 3) [...] “é impossível estudar a estrutura sócio-espacial dos distritos sem levar em consideração o processo de urbanização da cidade de Uberlândia e as mudanças que este conseguiu provocar no município como um todo”⁶.

Antes de darmos prosseguimento à nossa reflexão, optamos pela definição de distrito, pois esse foi o recorte territorial que elegemos como campo de análise.

[...] o distrito é uma subdivisão do município, que tem como sede a vila, que é o povoado de maior concentração populacional. Ele não tem uma autonomia administrativa. Funciona como um local de organização da pequena produção e atendimento das primeiras necessidades da população residente em seu entorno, cujo comando fica a cargo da sede do município. O distrito tem a mesma denominação da sua vila e somente pode ser criado por meio de lei municipal. No entanto, os requisitos exigidos para a criação de um distrito são estabelecidos por meio de lei estadual. O município não pode, por si só, instalar distritos adotando critérios próprios. Faz-se necessário que um povoado atenda todas as exigências determinadas pela legislação estadual para que o município, por meio de lei municipal aprovada pela Câmara de Vereadores local, o eleve à categoria de distrito. (PINTO, 2003, p. 57).

É importante salientar que o aspecto condicionante ao estudo da zona rural do distrito de Cruzeiro dos Peixotos foi, dentre outros, a verificação do grande peso que a população residente nas áreas rurais próximas representa na população total do mesmo, conforme é possível constatar na Tabela 3.

Tabela 3: Cruzeiro dos Peixotos: população total (urbana e rural) residente (1991-2000)

	Habitantes			Percentual (%)		
	1991	1996	2000	1991	1996	2000
Total	997	755	1174	100	100	100
Urbana	295	374	388	29,59	49,54	33,16
Rural	702	381	786	70,41	50,46	66,84

Fonte: IBGE - Censo Demográfico (1991 e 2000) e Contagem Populacional (1996).

Adaptado por: Hélio Carlos Miranda de Oliveira (2005).

Podemos afirmar que a diversificação dos bens e serviços, a intensificação do fluxo de transportes e comunicações - elementos conseqüentes da urbanização de Uberlândia - e a carência de infraestrutura no distrito contribuem para a maior dependência dos moradores em relação aos equipamentos urbanos da cidade. O distrito conta com ruas asfaltadas, energia elétrica, saneamento básico e sistema de telefonia. Os equipamentos urbanos presentes são: uma escola de ensino

⁶ Sobre o processo de urbanização de Uberlândia confira: Bessa (2004) e Soares (1995 e 1997).

fundamental, um posto de saúde, um Cartório de Paz e Registros, uma unidade de Correios, uma oficina mecânica, uma borracharia, duas antenas de telefonia, uma caixa d'água (poço artesiano), duas praças, dois salões de festas, duas igrejas, um campo de futebol, uma quadra de esportes, um restaurante e as residências dos moradores.

Nas pesquisas realizadas com os moradores da zona rural com a faixa etária variando entre 14 e 47 anos de idade, pudemos verificar que o distrito não atende a todas as necessidades dos mesmos, obrigando-os a se deslocar até a cidade de Uberlândia, que polariza os serviços de educação, saúde e primordialmente outros setores produtivos não existentes no mesmo. Percebeu-se uma certa unanimidade entre os entrevistados em relação à necessidade de se deslocarem até a cidade para realizar as compras mensais, pois ao serem interrogados sobre os principais produtos que buscam no distrito, afirmaram comprar apenas os produtos alimentares de necessidade mais imediata, apontando como justificativa o maior preço que os mesmos possuem nos bares e mercearias do distrito quando comparados aos preços e à diversidade dos supermercados da cidade.

O deslocamento até a cidade de Uberlândia é facilitado e de certa forma, intensificado pela proximidade do distrito com a mesma, bem como pelo transporte coletivo urbano utilizado pelos moradores da zona rural e urbana do distrito. Segundo Silva (2004), a pavimentação da rodovia que dá acesso aos distritos de Martinésia e Cruzeiro dos Peixotos, que recebeu o nome de Rodovia Municipal Neusa Resende (rodovia municipal 090), facilitou o acesso dos moradores desses distritos a Uberlândia, o qual foi também facilitado, recentemente, pela implantação do SIT (Sistema Integrado de Transporte). Nos dias úteis e aos sábados, a linha de ônibus D280 – Martinésia/Cruzeiro dos Peixotos/Terminal Umuarama realiza 05 viagens diárias e aos domingos e feriados, são realizadas 04 viagens.

Essas carências existentes no distrito, aliadas à falta de empregos, tornam-se aspectos condicionantes ao deslocamento dos residentes da zona rural e urbana do distrito para o município de Uberlândia. Além disso, conforme afirma Montes, Oliveira e Silva (2005), a cidade de Uberlândia, com sua imagem progressista, acolhedora e moderna, exerce um forte poder de atração sobre os habitantes dos distritos de Uberlândia⁷.

Apesar do “lazer urbano”, constituído pelo passeio a shoppings, teatros, bares, casas noturnas, cinemas, ter um certo poder de atração na vida dos moradores da zona rural do município, especialmente dos mais jovens, percebemos que os mesmos ainda buscam o distrito como um espaço de lazer. Duas jovens de 20 anos de idade e um adulto de 40 anos apontaram em suas falas, esse aspecto como um dos principais motivos de seu deslocamento até o distrito. As jovens Alessandra e Amanda, ambas estudantes de cursinho pré-vestibular em Uberlândia, disseram que se deslocam até a cidade seis vezes por semana e que, aos domingos, gostam de ir à Cruzeiro para passear, conversar com os amigos na praça e ir à igreja. O caseiro da fazenda onde realizamos uma entrevista, José Rosildo, apontou em sua fala a satisfação em ir ao distrito quinzenalmente para visitar os amigos e divertir-se bebendo cerveja com eles nos bares. Isso permite-nos supor que a extensão do modo de vida urbano em Uberlândia à sua área rural ainda não conseguiu destruir a

⁷ Sobre as imagens e representações da cidade de Uberlândia confira o trabalho de Soares (1995).

identidade territorial dos moradores do mesmo com o modo de vida rural e sua autonomia na escolha de suas práticas de vivência. Segundo Rua (2003),

O rural, ao guardar especificidades das práticas espaciais de suas populações garante (e em alguns casos fortalece) a identidade territorial que, mesmo subordinada às lógicas difundidas a partir da cidade, ainda permite a essas populações uma certa autodeterminação. (RUA, 2002, p. 34).

Outro aspecto interessante verificado a partir das entrevistas, é que o distrito representa, para muitos, um espaço de convivência com os moradores da vila e de vivência das práticas culturais, sendo as festas religiosas realizadas nele um importante espaço de socialização das mesmas. Os entrevistados afirmaram gostar de participar das festas tradicionais de Santo Reis realizadas na igreja do distrito, o que denota a importância da religião no cotidiano e na vida dessas pessoas⁸. A própria origem do distrito está ligada à religiosidade dos primeiros habitantes, fenômeno verificado não só no espaço em questão, mas em diversos outros locais nos quais a religião é o elemento fundante e condicionante à identidade territorial dos agentes sociais que neles se instalam. Segundo Carneiro (2001):

[...] mesmo permanecendo na posição de subordinação e de complementaridade ao urbano [...], o mundo rural não representaria mais uma ruptura com o urbano e as transformações que lhes são atribuídas na atualidade não resultariam na sua necessária descaracterização, mas em uma possível reemergência de sociabilidade e de identidade tidas como rurais. (CARNEIRO, 2001, p. 4)

Mesmo tendo influências do modo de vida urbano, os habitantes do meio rural, devido à estreita relação com os cidadãos, procuram manter a tradição, o que poderia ser visto como uma forma de resistência à homogeneização de valores e práticas sociais, propiciados de certa forma, pelo fenômeno da globalização. Nesse contexto, deve-se sempre levar em consideração que o local está interligado ao global, ou seja, que a área rural do distrito de Cruzeiro dos Peixotos integrou-se de forma parcial às políticas globais de modernização da agricultura, porém, apesar da inexorabilidade da redefinição e reestruturação do campo, não houve uma dissolução das identidades locais ligadas ao modo de vida rural.

3. Considerações Finais

A realização da pesquisa permitiu-nos perceber que os processos de urbanização, industrialização e conseqüente modernização da agricultura, impulsionados pela revolução científico-tecnológica, ao mesmo tempo em que diversificaram os serviços e intensificaram os fluxos de transportes e comunicações nas cidades, imprimiram uma nova dinâmica sócio-espacial aos espaços rurais, que não foi diferente no município de Uberlândia. Nesse contexto, pode-se considerar que a nova dinâmica sócio-espacial da zona rural do distrito de Cruzeiro dos Peixotos é resultante das políticas de modernização agrícola implantadas nesse espaço, que deve ser considerado tanto como um subespaço do global, quanto também, como um espaço local com especificidades sociais,

⁸ Essa constatação também foi feita por Silva (2004) quando analisou um outro distrito do município de Uberlândia, o distrito de Martinésia.

econômicas e culturais. Essa modernização, aliada a carência de bens, serviços e equipamentos urbanos existentes na área urbana do distrito, acabou por intensificar a dependência dos moradores da área rural do distrito à cidade de Uberlândia.

Apesar da redefinição do rural, advinda principalmente do relativo fim da auto-suficiência das localidades rurais e da dependência dessas localidades dos equipamentos e serviços implantados nas cidades, não podemos afirmar que houve uma dissolução do rural e de seu modo de vida, bem como aceitar a idéia de um *continuum* entre o urbano e o rural, uma vez que os habitantes, mesmo recebendo influência da cidade e do modo de vida urbano, mantêm valores, tradições e práticas ligadas ao modo de vida rural.

Assim, revitalizar a área urbana do distrito de Cruzeiro dos Peixotos é importante não só para a melhoria da qualidade de vida da população, mas também para evitar o esvaziamento do campo e o aumento da desigualdade sócio-econômica na cidade de Uberlândia, advinda da dessa migração campo-cidade. Ressaltamos ainda a importância dos estudos da relação campo-cidade para o entendimento da dinâmica sócio-espacial do território e a necessidade de considerarmos as especificidades locais para a compreensão de tal relação.

Referências:

ABRAMOVAY, R. Funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo. In: _____.

O futuro das regiões rurais. Porto Alegre: UFRGS, 2003. p. 17-36.

ALENTEJANO, Paulo Roberto. As relações campo-cidade no Brasil do século XXI. **Terra Livre**, São Paulo, ano 19, v. 2, n. 21, p. 11-23, jul./dez. 2003.

CARNEIRO, Maria José. Do rural e do urbano: uma nova terminologia para uma velha dicotomia ou a reemergência da ruralidade (versão preliminar). In: SEMINÁRIO SOBRE O RURAL BRASILEIRO, 2., 2001, Campinas. **Anais...** Campinas: NEA/IE/UNICAMP, 2001. 16p.

ENDLICH, Ângela Maria. Reflexões teóricas acerca do rural e do urbano. 13p. [s.n.t.]

GOBBI, Wanderléia Aparecida de Oliveira. Modernização agrícola no cerrado mineiro: os programas governamentais da década de 1970. **Caminhos da Geografia**, Uberlândia, v.11, p. 130-149, fev. 2004.

JULIANO, Adir Aparecida; LEME, Heládio José de Campos. Transformações econômicas e dinâmica migratória recente na área de Uberlândia: um perfil sócio-econômico da população migrante. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 13., 2002, Ouro Preto. **Anais...** Ouro Preto: ABEP, 2002.

MONTEIRO, Manoel Antônio de Almeida. Migração rural-urbana e política agrícola. **Travessia Revista do Migrante**. Políticas Públicas, São Paulo, ano 17, n.50, p. 10-16, set./dez., 2004.

MONTES, Silma Rabelo; OLIVEIRA, Hélio Carlos Miranda de; SILVA, Renata Rastrelo e. Cidade média e desenvolvimento local: relações sócio-espaciais de Uberlândia (MG) e seus distritos. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL - CIDADES MÉDIAS: DINÂMICAS ECONÔMICAS E PRODUÇÃO DO

ESPAÇO URBANO, 1., 2005, Presidente Prudente. **Anais...** Presidente Prudente: GASPER/UNESP, 2005, p. 1-15.

NEVES, L. A. Um novo tempo para novas urbanidades: o papel da paisagem nos estudos do mundo rural. In: Marafon, Gláucio J.; Ribeiro, Miguel A. (org.). **Revisitando o território fluminense**. Rio de Janeiro: NEGEF, 2003. p.11-30.

OLIVEIRA, Hélio Carlos Miranda de; SILVA, Renata Rastrelo; PAULA, Dilma Andrade de. **Entre o rural e o urbano: modos de vida no distrito de Cruzeiro dos Peixotos no município de Uberlândia (MG)**. 2005. Texto inédito.

PINTO, George José. **Do sonho à realidade: Córrego Fundo-MG – Fragmentação territorial e criação de municípios de pequeno porte**. 2003. 248f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

RUA, João. Urbanidades e novas ruralidades no Estado do Rio de Janeiro: algumas considerações teóricas. In: MARAFON, Gláucio José; RIBEIRO, Marta Foepfel (org.). **Estudos de Geografia Fluminense**. Rio de Janeiro: Livraria e editora Infobook Ltda, 2002.

RUA, João. A resignificação do rural e as relações cidade-campo: uma contribuição geográfica. **Revista da ANPEGE**, Fortaleza, ano 2, n. 2, p. 45-66. 2005.

SECRETARIA MUNICIPAL DE PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO URBANO. **Banco de Dados Integrados de Uberlândia (BDI) 2004**. Uberlândia. 2004.

SHIKI, Shigeo; SILVA, José Graziano da; ORTEGA, Antônio César (org.) **Agricultura, meio ambiente e sustentabilidade do cerrado brasileiro**. Uberlândia: EDUFU, 1997. 327 p.

SILVA, José Graziano da. **A modernização dolorosa: estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982. 192 p.

SILVA, Lílian Leandra. O papel do Estado e o processo de ocupação das áreas de cerrado entre as décadas de 60 e 80. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v.2, p. 25-36, fev. 2001.

SILVA, Renata Rastrelo e. **Memórias, vivências e festas religiosas em Martinésia**. 2004. 64f. Monografia (Bacharelado em História) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2004.

SINGER, Paul. Campo e cidade no contexto histórico latino-americano. In: _____. **Economia política da urbanização**. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1980. p. 91-113.

SOARES, Beatriz Ribeiro. **Uberlândia: da cidade jardim ao portal do cerrado - Imagens e representações no Triângulo Mineiro**. 1995. 347f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

_____. Urbanização no cerrado mineiro: o caso do Triângulo Mineiro. In: Silva, J. B. da; COSTA, M. C. L.; DANTAS, E. W. C. **A cidade e o urbano: temas para debates**. Fortaleza: EUFC, 1997, p. 105-130.

SOARES, Beatriz Ribeiro et al. Dinâmica urbana na bacia do rio Araguari (1970-2000). In: LIMA, Samuel do Carmo; SANTOS, Rossevelt José. **Gestão ambiental da bacia do rio Araguari**: rumo ao desenvolvimento sustentável. Brasília: CNPq, 2004. p. 125-161.

SOARES, Beatriz Ribeiro; MONTES, Silma Rabelo; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. Rural e/ou Urbano? Uma reflexão sobre a realidade sócio-espacial dos distritos do município de Uberlândia (MG). In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 10., 2005, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP. p. 15119-15134.

TADEU, R. Moradores dos distritos sofrem com desemprego. **Jornal Correio**, Uberlândia, p. 3. 04 ago. 2003.

Depoimentos:

Alessandra Santos, 20 anos, estudante. Entrevista realizada no dia 07/10/2005, em sua residência na fazenda.

Amanda Santos, 20 anos, estudante. Entrevista realizada no dia 07/10/2005, em sua residência na fazenda.

Artur Guilherme, 46 anos, engenheiro agrônomo. Entrevista realizada no dia 07/10/2005, em sua residência na fazenda.

Augusto Flávio Campos Mineiro, 47 anos, veterinário. Entrevista realizada no dia 07/10/2005, em sua residência na fazenda.

Ednalva Monteiro dos Santos, 44 anos, dona de casa. Entrevista realizada no dia 07/10/2005, em sua residência na fazenda.

José Rosildo, 40 anos, caseiro. Entrevista realizada no dia 07/10/2005, na fazenda onde trabalha e reside com sua família.

Matteus Biasi, 14 anos, estudante. Entrevista realizada no dia 07/10/2005, em sua residência na fazenda.